ISTVÁN MÉSZÁROS E O IDEAL DA EMANCIPAÇÃO HUMANA:

entrevista com Ricardo Antunes

Por: Caio Antunes¹

Resumo: Caio Antunes entrevista Ricardo Antunes, importante intelectual brasileiro que estabeleceu um contato bastante intenso com István Mészáros por mais de três décadas. Nela, o professor titular da UNICAMP aborda temas que vão desde a inserção do pensamento de Mészáros no Brasil, passando por aspectos teóricos fundamentais de sua obra, até culminar no último projeto que Mészáros estava desenvolvendo antes de falecer, no dia primeiro de outubro de 2017.

Palavras-chave: István Mészáros – Marxismo – Para Além do Capital.

ISTVÁN MÉSZÁROS AND THE IDEAL OF HUMAN EMANCIPATION: interview with Ricardo Antunes

Abstract: Canio Antunes interviews Ricardo Antunes, an important Brazilian intellectual who established a very intense contact with István Mészáros for more than three decades. In it, the emeritus professor of UNICAMP approaches themes that range from the insertion of Mészáros' thought in Brazil, passing through fundamental theoretical aspects of his work, until culminating in the last project that Mészáros was developing before dying on the first of October of 2017.

Keywords: István Mészáros – Marxism – Beyond Capital.

ISTVÁN MÉSZÁROS Y EL IDEAL DE LA EMANCIPACIÓN HUMANA: entrevista con Ricardo Antunes

Resumen: Caio Antunes entrevista Ricardo Antunes, importante intelectual brasileño que estableció un contacto bastante intenso con István Mészáros por más de tres décadas. En ella, el profesor titular de la Unicamp aborda temas que van desde la inserción del pensamiento de Mészáros en Brasil, pasando por aspectos teóricos fundamentales de su obra, hasta culminar en el último proyecto que Mészáros estaba desarrollando antes de morir, el día primero de octubre de 2017.

Palabras-chave: István Mészáros – Marxismo – Más Allá del Capital.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde também concluiu a Licenciatura em Educação Física e o Mestrado em Educação. Atua como professor da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: antunescs@uol.com.br

Ricardo Antunes é um intelectual e militante nacional e internacionalmente reconhecido. Pesquisador premiado, o autor de clássicos como *Adeus ao Trabalho?*, *Os Sentidos do Trabalho*, *O Continente do Labor*, a trilogia *Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil* e o recém lançado *O Privilégio da Servidão*, além de uma enormidade de artigos e capítulos de livros publicados em diversos países, foi amigo próximo e interlocutor intelectual de István Mészáros durante mais de três décadas.

Gostaríamos de agradecer imensamente ao Ricardo a generosa e gentil cessão desta entrevista, concedida em uma agradável manhã ensolarada de domingo, em sua casa, em um de seus raros momentos de não-trabalho.

Caio Antunes (CA): *Bom dia professor. Inicialmente, como seu deu a entrada do pensamento István Mészáros no Brasil?*

Ricardo Antunes (RA): Bom dia. A entrada do Mészáros no Brasil se deu, primeiro porque nós, especialmente um grupo de São Paulo, mas também no Rio de Janeiro, que nos denominávamos um grupo de influência lukasciana, conhecíamos aspectos da obra do Lukács – num primeiro momento, especialmente *História e Consciência de Classe* (LUKÁCS, 1974), e, posteriormente, também as obras maduras do Lukács, como a *Ontologia do Ser Social* (LUKÁCS, 2012), *O Jovem Hegel* (LUKÁCS, 1970), entre tantas. Nós também sabíamos que em torno de Lukács, especialmente na Universidade de Budapeste, orbitava um conjunto pequeno de jovens estudantes que trabalhava com os elementos fundamentais de sua perspectiva. Dentro desse grupo de jovens, a mais conhecida no Brasil, naquela época, era Agnes Heller (que tinha livros importantes, como *A teoria das Necessidades em Marx* (HELLER, 1978), *O cotidiano e a História* (HELLER, 2000), *O Homem do Renascimento* (HELLER, 1982) e *A Sociologia da Vida Cotidiana* (HELLER, 1977), para o qual Lukács faz um *Prefácio* lindíssimo (LUKÁCS, 1977), György Márkus, Ferenc Fehér, István Mészáros e outros.

Nós não tínhamos muita informação, mas já naquela época Mészáros despontava como uma figura diferenciada desse grupo, responsável por uma obra que começava a ganhar muito destaque. Podemos citar, como exemplo, *Marx's Theory of Alienation* (MÉSZÁROS, 1972) – entre outros livros também, mas este, de fato, naquela época, era de longe mais importante –, além de uma série de artigos e textos que abria uma reflexão crítica em relação à experiência do leste europeu, inclusive numa dimensão muito mais aprofundada e diferenciada do que a do próprio Lukács. Muito embora Lukács trouxesse, em sua obra, muitos componentes de crítica ao Stalinismo, para o que bastaria mencionar, na *Ontologia do Ser Social*, os capítulos em que ele trata de

Marx e as pistas que ele dá do socialismo asiático, como uma referência muito crítica à União Soviética, dizendo que a esta foi tomada como modelo de classissidade e de universalidade da Revolução, quando ela não era outra coisa senão uma revolução num país de tipo asiático. Portanto, uma Revolução singular ou particular que se tornou modelo de Revolução, principalmente pela tragédia do assim chamado marxismo-leninismo, que converteu a União Soviética em um modelo de Revolução a ser seguida pelos partidos comunistas.

A crítica de Mészáros a essa concepção – nós já líamos alguns artigos – destoava inclusive do que na época se chamava, aqui no Brasil e em outras partes, de modo indevido, de “Escola de Budapeste”. Nós achávamos que era um grupo mais ou menos integrado, tendo, num primeiro plano, a Agnes Heller, com uma proeminência maior, mas também György Márkus, que tem livros importantes também sobre Marx (MÁRKUS, 1974). Mas todos eles, digamos, inspirados, naquela fase, no que poderia se chamar de uma perspectiva ontológica, que rompia com positivismo, rompia com o estruturalismo dentro do marxismo e desenvolvia uma espécie de uma corrente crítica, repito: dentro do marxismo, aos chamados países do “bloco socialista” – que por si já é uma definição profundamente equívoca, porque ela parte do pressuposto de que aqueles países eram socialistas.

Foi a partir destas informações que nós tínhamos à época que o José Chasin, quando estava organizando, em 1983, na Paraíba – ele era professor da Universidade Federal da Paraíba UFPB –, um Seminário voltado para o centenário da obra de Marx, convidou, para fazer a conferência internacional, a figura do István Mészáros. É a partir daí que Mészáros entra no Brasil e a sua produção começa a ser mais conhecida. Por exemplo, há uma longa e importante entrevista que ele deu para Revista Ensaio, nesta época (MÉSZÁROS, 1984, p. 9-29), falando de suas relações com Lukács, de sua crítica ao socialismo real, da necessidade da ofensiva socialista, do papel fundamental que o trabalho e que a classe trabalhadora desempenham na transformação e na ruptura em relação ao sistema de capital, ideias aliadas à teoria da alienação que Mészáros desenvolve a partir de Marx em *Marx's Theory of Alienation*.

Em relação a este livro, a edição brasileira – *Marx: a teoria da alienação* (MÉSZÁROS, 1981) –, que tem muitos problemas de tradução, é pioneira aqui. Há também um artigo muito importante, chamado *Poder Político e Dissidência nas Sociedades Pós-Revolucionárias* (MÉSZÁROS, 1985), que inclusive, se eu não estou enganado, ele apresentou em um colóquio do *Il Manifesto*, aquele agrupamento à esquerda do Partido Comunista da Itália, e que depois foi incluído também como um

dos apêndices do *Para Além do Capital* (MÉSZÁROS, 2006). Tudo isso foi tornando o Mészáros uma figura importante. Inclusive, num primeiro momento, a Editora Ensaio publicou, além de artigos, alguns livros do Mészáros, como *O Poder da Ideologia* (MÉSZÁROS, 1996), *A Necessidade de Controle Social* (MÉSZÁROS, 1987) – que, se não estou enganado, é uma importante conferência que o Mészáros fez quando ele recebeu o prêmio *Isaac Deutscher Memorial Prize*²) e o *Produção Destrutiva e Estado Capitalista* (MÉSZÁROS, 1989), incluído também como capítulo 16 do *Para Além do Capital*.

Tudo isso fazia com que a obra do Mészáros ganhasse força. Tanto a sua obra passou a ser conhecida cada vez mais intensamente no Brasil, como ele ganhou um número grande de adeptos na medida em que ele abria, entre tantas pistas, aquilo a que eu já me referi anteriormente, que é a ideia de uma leitura da tragédia do socialismo bastante diferente das leituras dominantes.

Depois de ter publicado esses livros pela Editora Ensaio, no ano de 1998, eu estava na casa dele – prestes a voltar para o Brasil, depois de ter ficado um ano realizando uma pesquisa de pós-doutorado na Universidade de Sussex, na Inglaterra – quando ele me disse que queria publicar o *Para Além do Capital* com pouco mais de brevidade e que por isso pedia que eu ajudasse na escolha de uma nova editora. A edição de *O Poder da Ideologia*, publicado pela Ensaio, é uma edição cuidadosa, mas ela demorou muitos anos, segundo Mészáros, para ser publicada. Ele sempre teve, digamos, uma impaciência. Quando livros dele estavam prontos, ele queria vê-los sair com alguma brevidade. Impressionante que, por exemplo, nas publicações dele pela Editora Monthly Review, nos Estados Unidos e pela Editora Merlin Press, na Inglaterra – no tempo em que esta era dirigida por um velho socialista, John Saville, o mesmo que editou as obras do Thompson – ele fazia todo trabalho, no computador dele, não só de escrita do livro, mas toda a diagramação e editoração, de tal modo que o livro chegava na editora e ia direto para a gráfica e, dali há pouco tempo os livros estavam publicados.

Ele me disse então que não gostaria de ver o *Beyond Capital* [*Para Além do Capital*] (MÉSZÁROS, 1995), que foi um livro para o qual ele tinha dedicado pelo menos 25 anos da sua vida, publicado muito tardiamente, tipo 10 anos depois. Ainda mais porque um pouco antes, quando ele estava em uma viagem para uma atividade, não me lembro agora se no País de Gales ou Escócia, ele teve um ataque cardíaco dentro

² Prêmio recebido por Mészáros em 1971, pelo livro *Marx's Theory of Alienation*, no qual ele profere a palestra *A Necessidade de Controle Social*.

do avião. Desceu, foi imediatamente levado para o Hospital e teve a necessidade de fazer uma cirurgia de urgência. Isso tudo criou nele a necessidade de ver a publicação do livro, digamos, o mais rapidamente possível. Foi pensando nisso que ele me pediu para procurar uma nova editora. O contato primeiro, na sala da casa dele, foi em 1998.

Quando eu retornei ao Brasil falei com a Editora Boitempo, que comprou a ideia prontamente – aliás, fui eu que apresentei o Mészáros para a Editora Boitempo. Nós tivemos de fazer, na época, um *tour de force*³, como dizem os franceses, uma jogada intensificada, com auxílio da Editora da Unicamp, para tentar publicar o livro dele não tão tardiamente. Mas tratava-se de uma obra de mais de mil páginas e além disso, a tradução da obra de Mészáros é difícilíssima. Nós tentamos, na época, vários tradutores consagrados. Quando se falava no nome do Mészáros e no tamanho do livro, todos diziam: ‘não, já estou comprometido! Isso é trabalho para muito tempo’.

Lembrando que o original tinha sido publicado em 1995 (tanto em Nova York, pela Monthly Review como pela Merlin Press, em Londres) e que o pedido dele foi em 1998, nós iniciamos, com o apoio da Editora Unicamp, toda a preparação e o livro foi publicado em 2002. É um milagre que um livro daquele tenha sido publicado em menos de 4 anos. Foi um empenho muito intenso nosso – da Boitempo, meu, como coordenador da coleção que trouxe o livro⁴, da Maria Orlanda Pinassi, que junto com outros fez a revisão, dos vários tradutores que de um modo ou outro entraram nesta obra e depois com toda a equipe de edição final – para que o livro ficasse com uma tradução ao menos razoável. Na época estava saindo também uma edição na Venezuela (MÉSZÁROS, 2001), com muitas dificuldades. O meu amigo Jorge Giordani, que foi aluno do István, e foi, depois, ministro do governo Chaves, também empenhou-se muito e fez alguma coisa parecida na Venezuela.

Hoje o Mészáros é um autor muito conhecido no Brasil, em várias partes do mundo também, naturalmente, mas no Brasil ele tem uma enorme admiração, e ele tinha uma enorme admiração pelo Brasil. Ele vinha com muita frequência para cá. Passou a ter uma relação preferencial com a Boitempo, a ponto de, especialmente nas obras mais recentes, dar os direitos autorais para a Boitempo – aliás, ele não recebia os direitos autorais das suas obras, ele doava, por contrato junto à Boitempo, integralmente para o MST, que ele admirava muito. Em outro momento, creio que o prêmio que ele recebeu, em dinheiro, na Venezuela pelo livro *O Desafio e o Fardo do*

³ Em tradução livre, algo como uma esforço conjunto para uma grande façanha.

⁴ Trata-se da coleção Mundo do Trabalho.

Tempo Histórico (MÉSZÁROS, 2007), foi doado para os cubanos e cubanas que tinham sofrido a devastação do Furacão Katrina.

A partir daí, com a Boitempo assumindo a produção das obras dele, quase todos os livros expressivos do Mészáros foram, ou estão sendo publicados no Brasil, mesmo aqueles livros mais antigos. Recentemente ele retrabalhou e publicou, ampliadamente, o livro sobre o Sartre (MÉSZÁROS, 2012) e o livro sobre Lukács (MÉSZÁROS, 2013), além das obras consagradas que são, depois do *Para Além do Capital, O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico* e os dois volumes do *Estrutura Social e Formas de Consciência* (MÉSZÁROS, 2011), além das que me referi anteriormente.

CA: *Retomando um ponto que você comentou, qual era a relação de Mészáros com Lukács e com a chamada a “Escola de Budapeste”?*

RA: Olha, muito do que eu sei da relação dele com Lukács e com a “Escola de Budapeste”, entre aspas, é muito mais do meu convívio com ele do que pelo que ele deixou escrito – apesar de que naquela entrevista que ele deu para a Revista Ensaio ele fala um pouco disso – e desde que conheci o István, que foi no começo dos anos 1980, até a sua morte em outubro do ano passado, lá se vão pelo menos 35 anos de convívio muito intenso.

A primeira coisa que ele dizia era que a “Escola de Budapeste” era uma ficção, um mito! Nunca existiu a chamada “Escola de Budapeste”! Lukács tinha, sim, um grupo pequeno de pessoas próximas. Mas Mészáros me disse, dezenas de vezes, que ele discutiu muito duramente, no dia do enterro do Lukács, com os membros da chamada “Escola de Budapeste”, novamente entre aspas, porque, repito, para ele isso nunca existiu. Na visão do Mészáros, isso foi uma construção; assim como a Escola de Frankfurt tem um peso importante, a Escola de Budapeste dava um lastro para seus membros: Lukács e a Escola de Budapeste. Mas segundo Mészáros, na verdade foi muito mais um lastro criado por alguns de seus seguidores, segundo ele, sempre segundo ele, como a Agnes Heller, Ferenc Fehér e outros, para ficar com a fama do Lukács, mas cada vez mais sem os fundamentos da sua obra. Tanto é que a Agnes Heller, como é possível constatar, abandonou a ontologia materialista lukacsiana, passou a fazer uma revisão muita crítica da obra do Marx e começou a se aproximar muito do Habermas e de uma certa leitura pós-moderna – embora, repito, a Agnes Heller fosse uma pessoa com muita influência no Brasil, em sua da chamada fase ontológica, lukacsiana, com livros muito importantes.

Quando Lukács fez a primeira versão grande da sua *Ontologia* – que é chamada de a Grande Ontologia, depois ele fez os *Prolegômenos* (LUKÁCS, 2010), a chamada Pequena Ontologia – ele mesmo não estava satisfeito com o desenho final da obra. Essa obra foi publicada sem a sua aprovação, porque ele morreu sem dar a chancela final para a publicação, mas tinha sido aberto um debate, publicado em uma revista italiana chamada *Aut-Aut*, onde a crítica da Agnes Heller e de outros à *Ontologia* de Lukács é muito dura. Ainda durante a vida de Lukács, começou a se desenvolver uma fase de revisão crítica profunda e de negação de sua obra. Isso fez com que Mészáros dissesse, e isso ele me disse *textualmente*, que, enquanto aquele grupo estava criando a logomarca Escola de Budapeste, estava desenvolvendo o mito de uma “Escola Budapeste” estava, ao mesmo tempo, no enterro de Lukács, sepultado a sua obra.

Mas veja, mesmo que se possa ver, no *Para Além do Capital*, dos capítulo 6 ao 10, uma crítica aguda ao Lukács em alguns pontos, Mészáros nunca deixou de ter no Lukács e na sua *Ontologia* um dos pilares fundamentais da sua reflexão, mesmo que discordando em muitos pontos de Lukács. Por exemplo: às teses do ‘socialismo possível’, do ‘bloco socialista’, que de certo modo Lukács não questionou com a radicalidade necessária, o Mészáros foi muito crítico. Ele não aceitava – eu vou voltar a isso – tais teses. Ele dizia: essas sociedades não criaram uma sociedade socialista, portanto a ideia de bloco socialista, socialismo real são eufemismos para fetichizar uma sociedade que, em última instância, era ainda prisioneira do sistema de capital.

Nós nunca veremos na obra de Mészáros qualquer referência à “Escola de Budapeste”. E quando ele via algum livro: ‘Mészáros, um dos expoentes da Escola de Budapeste’, ele ficava muito irritado. Eu mesmo, quando fui conversar com ele a primeira vez sobre isso, perguntei ‘como era a Escola de Budapeste’, e ele me respondeu: ‘isso nunca existiu! Isso é uma falsificação!’ Se o Lukács tinha meia dúzia de seguidores, isto é, um grupo pequeno, as diferenças entre eles eram muito grandes, especialmente entre esses dois grandes membros da juventude de alunos do Lukács: Agnes Heller e István Mészáros.

Tanto é que, eu acho que há uns 10 anos, mais ou menos – ele me contou intensamente isso –, ele foi na Academia Húngara de Ciências para fazer um debate sobre o futuro do socialismo. A Agnes Heller foi para dizer que o socialismo não tinha futuro e Mészáros foi para dizer que o socialismo era o único futuro possível para a humanidade. Parece que cumprimentaram-se formalmente e as falas foram ‘A’ e ‘Z’. E ele estava contente com o resultado desse debate, porque, veja bem, é muito difícil chegar na Hungria hoje e defender o socialismo. Mas o socialismo que o Mészáros defende não é o húngaro, pois o húngaro era uma tragédia, enquanto que a crítica da

Agnes Heller sempre foi insuficiente tanto ao socialismo realmente existente, quanto ao Marx e ao Lukács.

CA: Além então de Lukács, quais outros autores e autoras mais influenciaram István Mészáros?

RA: Bom, isso é, muito naturalmente, uma interpretação minha. Para mim Mészáros tem – e eu digo isso, inclusive, no *Prefácio* que fiz ao *Para Além do Capital* – três pilares. O primeiro, que é, de longe, o pilar principal, é a obra de Marx. O Mészáros tem uma leitura muito aberta e muito profunda do Marx. Eu cansei de ver, na biblioteca dele, os livros que ele lia, as consultas que ele fazia, e o Marx sempre foi central. Tanto é que o *Para Além do Capital* é uma ideia de Mészáros de tentar atualizar aspectos da obra *O Capital*, de Marx (2013), para o século XX, mas sempre profundamente inspirado na crítica da economia política, na filosofia e na teoria social de Marx.

A segunda principal influência foi Lukács – e eu digo segunda não cronologicamente, pois eu não saberia dizer quem ele leu primeiro, se Lukács ou Marx, eu nunca conversei com ele sobre isto. O Lukács é naturalmente um autor vital. O Mészáros tinha uma ligação muito profunda com o Lukács. Basta mencionar que um dos seus filhos inclusive chama György, ou, em italiano, Giorgio Mészáros. Eu não me lembro se ele me disse isso explicitamente, mas enfim... conversei tantas vezes com ele, nunca gravei nada. Somente uma vez. Ele não gostava de entrevista. Durante o ano em que eu trabalhei na Universidade de Sussex, nós íamos para a casa do István e da Donatella, em Rochester, a cada 15 dias e passávamos o final de semana lá. Nos finais de tarde, depois das refeições, ficávamos no jardim ou na sala conversando por horas. Se eu tivesse gravado as conversas teria provavelmente umas três mil horas de gravação.

Uma dessas coisas que ele disse para mim, uns 8 anos atrás, na casa dele, era que tinha mais de 100 cartas trocada com Lukács ao longo da vida inteira e que, quando ele morresse, essas cartas iriam se tornar públicas – como estão sendo agora preparadas, na Hungria, eu penso que sob os cuidados de Tamás Krausz, aquele autor que escreveu sobre Lênin (KRAUSZ, 2017).

A influência da formulação ontológica lukacsiana para Mészáros é muito importante. A sua crítica ao capital é uma crítica de base ontológica, uma crítica muito inspirada na construção aberta da *Ontologia* do Lukács, que ele admirava e incorporava, mas à qual também tinha críticas. Em relação a estas incorporações e

críticas, há pontos importantes, que merecem mais estudos. Mészáros chega a dizer, por exemplo, que a teoria do valor de Lukács, tal como aparece em suas obras maduras, especialmente a *Ontologia do Ser Social*, traz algumas incompreensões da teoria do valor de Marx. Mas isso dito por um lukacsiano! Assim como alguns lukacsianos partiram de Lukács para entender o Kafka, em relação à qual Lukács tinha muitas reservas, posição que depois acabou revendo. O Carlos Nelson Coutinho, por exemplo, foi um dos lukacsianos, aqui no Brasil, que mostrou que a teoria do Lukács era imprescindível para entender a obra de Kafka, ainda que Lukács não a tivesse compreendido, ou pelo menos não lhe tivesse dado o devido mérito.

Mas o ponto que eu acho que Mészáros tinha mais distância do Lukács, em relação ao qual eles discutiam muito – ele me contou várias dessas discussões –, mas com muito respeito, eram as opções políticas do Lukács. Lukács entendia que era melhor estar no Partido Comunista do que fora dele. Com isto Mészáros não concordava, e deixava isso bem claro desde logo.

Eu não me recordo ao certo se em 1954, ou 1955, Lukács, como professor na Universidade de Budapeste, indica Mészáros para substituí-lo na cadeira de estética. Quando houve a invasão russa na Hungria, em 1956, foi o Lukács que conseguiu colocar o Mészáros para fora do país, correndo riscos os dois. Lukács enviou cartas para Itália apresentando Mészáros como um jovem professor valoroso, estudioso, marxista, ou seja, recomendando Mészáros para que ele pudesse conseguir trabalho. Lukács o ajudou a sair da Hungria porque sabia o papel que Mészáros teve, como um intelectual marxista rebelde, contestando abertamente o Partido Comunista Húngaro, ao qual, que eu saiba, ele jamais pertenceu, pois Mészáros rechaçava a estrutura stalinista do PCH.

Este rechaço nos leva, para fechar esse ponto, à terceira influência de Mészáros. Esta influência, que na minha opinião é menor do que as duas anteriores, mas maior que a de Lênin, é a da obra de Rosa Luxemburgo.

Na crítica da economia política do século XX da Rosa Luxemburgo, na ideia de imperialismo, na articulação complexa entre áreas avançadas e atrasadas e na concepção político-organizativa da Rosa, Mészáros via uma alternativa àquilo que ele era muito crítico, ao Bolchevismo e seu partido de vanguarda. Mészáros sempre foi contra o partido de vanguarda! Claro, uma coisa são situações excepcionais, de ditadura por exemplo, mas ele sempre foi contra a ideia de um partido no qual uma vanguarda iluminada dirige as massas. A principal influência que ele tem neste caso é da Rosa.

Mészáros tem também influência de Gramsci e de outros autores, que ele conheceu bem. Há um período de sua obra inclusive em que a presença do Gramsci é muito grande, mas eu não diria que Mészáros tem uma obra gramsciana. Ele tem, sim, uma obra marxiana, lukacsiana e uma influência luxemburguista. E ele soube fazer dos três uma coisa especial, porque não são três autores idênticos entre si. E isso fez com que Mészáros fosse um autor também singular. Influências do Marx, do Lukács, da Rosa e a sua própria reflexão, que é autônoma, ainda que influenciada por esses três.

CA: *Na vasta produção de István Mészáros, quais você considera as suas principais obras e por quê?*

RA: Bom, ele tem algumas dezenas de livros. São três livros os que eu acho que são mais importantes, segundo a minha leitura, principalmente pelo impacto que tiveram. O primeiro é o *A Teoria da Alienação em Marx*, publicado em 1970. Esse livro, de grande profundidade, que traz uma pesquisa muita densa, foi decisivo!

Em um período em que estava muito presente a tese althusseriana da ruptura epistemológica entre o jovem Marx e o velho Marx, Marx ideólogo e Marx científico, ideologia e ciência, Mészáros apresenta um livro que mostra como as concepções desenvolvidas por Marx nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (MARX, 2004) ganham densidade ontológica n' *O Capital*, mas não são uma ruptura. Evidentemente que na teoria do fetichismo da mercadoria, presente no primeiro volume d' *O Capital*, Marx já tem a solidez da sua crítica da economia política, que é ainda muito embrionária nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, pois 20 anos de estudo fazem uma diferença danada. A teoria do valor não existia ainda, não existiam mais-valor absoluto e relativo, apenas a ideia inicial de uma exploração *lato sensu*. Portanto, entre as teorias da alienação, da reificação, e do fetichismo da mercadoria, o Mészáros via uma continuidade adensada.

Este livro de Mészáros rompia radicalmente com aquelas concepções dualistas, estruturalistas de Marx: o jovem Marx mais próximo de uma construção ideológica e o Marx de maturidade, finalmente, um Marx cientista. Sua crítica é radical a esta concepção ao mostrar como se poderia fazer uma crítica ontológica densa do capital que fosse recuperadora da formulação marxiana da alienação.

Esta obra teve um grande impacto também porque surge em um momento, obviamente posterior às lutas de 1968, em que nós não tínhamos ainda vivido a nova fase contra-revolucionária do capitalismo, que se abre a partir de 1973, com o

sistema financeiro, a reestruturação produtiva permanente do capital, e, poucos anos depois, em 1979, com o neoliberalismo. Este livro é muito importante e foi publicado nos mais distintos países do mundo, na Europa, América do Norte, América Latina, Ásia, Oriente Médio. Este é provavelmente o livro mais publicado em outras línguas do Mészáros – eu digo provavelmente porque eu não tenho acompanhado isso ultimamente, mas eu diria, com muita convicção, esse livro deve ter sido publicado em uns 15, talvez 17 países.

E nesse livro Mészáros já desenhava seu projeto, que pretendia culminar no seu segundo grande livro – não estou comparando um com outro, porque o seu segundo grande livro veio 25 anos depois, publicado em 1995, na Inglaterra. Isso é uma coisa muito impressionante no Mészáros: o fio condutor e a coerência de sua obra. É um traço, assim, muito, muito impressionante. Ele foi preenchendo seu trabalho, ponto a ponto, passo a passo, até chegar no que talvez seja sua obra mais densa, a sua obra, digamos, mais radical, no sentido de ir às raízes do sistema do capital. É também sua obra mais original, porque *A Teoria da Alienação em Marx* é original na recuperação de um autor, mas em *Para Além do Capital* Mészáros está oferecendo, desde logo, um complexo entendimento do sistema capital – e dentro dele de como se compreender a tragédia dos países do leste europeu –, fazendo um percurso que vai desde da reflexão teórica de Hegel, Lukács e Marx, até os aspectos, digamos, da destruição capitalista. Ele cria, recuperando uma ideia que é do Marx, a ideia da taxa decrescente do valor de uso das mercadorias, mostrando que o capitalismo não pode mais se desenvolver senão destruindo. Isto significa que no sistema do capital a mercadoria tem que ter um tempo mínimo, cada vez menor, de duração para que o capital possa se valorizar.

Ao desenvolver a tese, em fins de 1960, começo de 1970, de um sistema de metabolismo social que só pode se reproduzir destruindo a natureza, o ambiente, a força de trabalho e a humanidade, Mészáros anuncia, numa análise marxista – também aí sob influência de Marx –, a tragédia ambiental na qual estávamos entrando.

O John Bellamy Foster, que se tornou um dos mais qualificados analistas de Marx e das questões ambientais dos nossos dias, captou muito bem esta importância da obra do Mészáros, a quem faz referências muito frequentes. John Bellamy Foster talvez seja um dos que melhor conheça a obra de Mészáros hoje. Aliás, na própria Revista Monthly Review, vários dos seus artigos – bem como de outros autores da nova geração que hoje dirige a Revista, como Bret Clark, geração que é conhecedora

da obra de Mészáros e percebeu a sua riqueza – têm mostrado sempre a importância que sua obra teve na renovação do marxismo de esquerda nos Estados Unidos.

Mas se tal formulação de Mészáros já é, por si só, um monumento, o *Para Além do Capital* não se resume a isso. Por exemplo, um dos pontos mais importantes é quando Mészáros diz que não foi por acaso que Marx chamou sua grande obra de *O Capital*, e não de *O Capitalismo*. Para Mészáros, o sistema de metabolismo do capital, conceitualização que ele tira de Marx, é um sistema mais complexo, mais profundo e mais abrangente que o capitalismo. O capitalismo é um momento da história em que o sistema de capital se tornou generalizado. Mészáros diz que há sistemas de capital pré-capitalistas, nas formas de capital comercial, capital mercantil, capital usurário, em fases anteriores, nas quais apareciam sob formas precoces, preliminares. Mas vai dizer que as sociedades do leste europeu, ao tentarem romper com o capitalismo, não o superaram em direção ao socialismo, mas deram origem a um novo tipo de sistema de capital, o de tipo pós-capitalista, justamente porque não demoliram o tripé estruturante do sistema de capital, qual seja: o trabalho assalariado, o Estado e o capital privado. Mészáros afirma que a União Soviética eliminou o capital privado, mas não eliminou o Estado e não eliminou o trabalho assalariado. E mesmo que tivesse eliminado mais um destes polos, trabalho assalariado por exemplo – e em toda a União Soviética trabalho assalariado teve vigência, ainda sob modos um pouco diferentes ou, em alguns momentos, mesmo bastante diferentes do capitalismo – a ideia de superar o Estado nunca pode ser levada à frente com força.

Não é por outro motivo que ele, nos últimos 8 anos de sua vida, estava condensando um conjunto espetacular de leituras para fazer o que ele dizia que seria a sua última obra: uma crítica radical do Estado. Mészáros sempre foi um crítico muito profundo, claro que com todas as mediações, da ideia, presente em muitos setores de esquerda, de fazer a transformação, a revolução, por dentro do Estado. Naturalmente, ele não confluía com os anarquistas, imaginando que você acabaria com o Estado no primeiro momento da revolução. Tampouco defendia o Estado mínimo neoliberal, porque o Estado é ruim. Não! Ele dizia que, dentro do sistema de capital, tem de se eliminar o tripé. Tem de se eliminar o trabalho assalariado, pela contrapartida do trabalho autônomo dos indivíduos livremente associados, de Marx; tem de se eliminar o capital privado, pois a sociedade não pode ser a sociedade da geração do mais-valor, do valor-dinheiro; e é impossível uma sociedade emancipada com o Estado, porque o Estado – e Mészáros também toma esta tese do Marx da juventude – é um ente político que preserva a estrutura desigual de classe. Para Mészáros, uma sociedade emancipada com Estado é uma impossibilidade.

E ele dizia que, e esta afirmação dele era muito dura, neste campo o marxismo havia avançado muito pouco – isso mesmo com conhecida a obra de Lênin (2007), que, segundo ele, era uma boa leitura sobre o que Marx havia dito sobre o Estado. Mas Lenin morre em 1924, enquanto que, para Mészáros, que morre em 2017, quase um século depois, foi possível perceber que o Estado se tornou um ente poderosíssimo.

Nos últimos anos da vida dele, nós conversamos muito sobre esse projeto. Muitas vezes ele me mostrou suas anotações, muito bem organizadas, capítulos, itens, subitens, tudo concebido na cabeça dele. Quando ele se sentava para escrever um trabalho, depois das leituras, já tinha todos os capítulos prontos na cabeça. Aliás, ele ficou anos lendo para este projeto. Ele voltou a ler dos gregos a Norberto Bobbio. Quantas vezes eu o vi em sua casa pegando de novo coisas do Hobbes, lendo Locke, Rousseau. Ele queria fazer uma releitura desde os gregos até hoje para chegar no que ele chamou de “a montanha que devemos conquistar”, mas para superar. Isso é muito importante! A conquista da montanha, do Estado, não é para preservá-lo. Não é isso! E nisso ele recupera outra tese muito importante do Marx, que era a tese da desapareição, ou do fenecimento do Estado. Uma vez ele me disse: “nós não temos uma lei que nos obrigue a almoçar. Nós almoçamos na nossa vida consuetudinária. Por que temos que ter uma lei que nos diga quando tempo temos que trabalhar?”

Outra tese importante do *Para Além do Capital* é que o sistema de capital é um sistema totalitário e totalizante – tese que Marcuse também apresentava. O Mészáros sempre foi muito crítico da Escola de Frankfurt, mas sempre teve muita admiração, apesar das diferenças, pelo Marcuse. É a ideia de um sistema de capital totalizante e totalitário e da necessidade premente do socialismo, frente a destruição global, algo que ele percebeu desde do final dos anos 1960 e início dos anos 1970.

Eu colocaria ainda um terceiro livro, talvez numa dimensão um pouco menor, mas que eu acho muito importante, que é *O Poder da Ideologia*. Nesta obra, Mészáros oferece uma analítica muito poderosa sobre a ideologia, apontando que a ideologia é parte da materialidade do capital, não da superestrutura. Mészáros tinha muita reserva com o uso geralmente mecanicista que se fazia dessas noções marxianas. Ele não compreendia a ideologia como mera parte da esfera da superestrutura. Como ele diz no *Para Além do Capital*, em relação ao Estado, este é parte da materialidade do capital. O Estado não é exclusivamente esfera superestrutural. O Estado é vital para o sistema de capital, que não suportaria uma semana sem o Estado. Ele ria daquelas teses do Negri e Hardt de que o Estado não tinha mais relevância, que o Império representava o fim da sociedade estatal, ele ria...

Tanto é que, pouco tempo depois, os atentados de 11 de setembro de 2001 e a força que os Estados Unidos ganharam levaram com que ele fizesse as digressões sobre o 'socialismo ou barbárie', em que ele mostra a tese do imperialismo global. Não é que não há mais imperialismo porque houve a globalização, é imperialismo global, coisa bastante diferente.

Retomando, n'*O Poder da Ideologia* ele faz um acerto de contas com o positivismo e opera uma demolição da obra habermasiana. Os habermasianos não gostam, mas ele faz uma crítica devastadora do Habermas. Ele faz uma análise muito mais positiva, por exemplo, do Marcuse. Aliás, ele me contou uma vez, não lembro se foi nos anos 1980, que o Habermas foi fazer uma palestra na Universidade de Sussex e que, quando ele terminou, o Mészáros lhe fez uma pergunta. O Habermas não sabia quem era ele e lhe disse que jamais esperaria uma pergunta daquele tipo de um Inglês. E o Mészáros, com aquela sua ironia fina, respondeu: 'acontece que eu não sou inglês'. Alguém deve ter dito ao Habermas, depois, que aquele era o aluno mais qualificado e especial de Lukács e que, diferentemente da Agnes Heller e outros, jamais abandonou a monumental construção da *Ontologia do Ser Social*. Aliás, é assim que o Mészáros se refere à *Ontologia* no livro dele sobre *O Conceito de Dialética em Lukács*: a 'monumental obra lukacsiana' – o que não significa que ela não seja passível de críticas, inclusive como ele fez.

A meu juízo, essas três são as obras as mais importantes do Mészáros.

CA: Por favor, fale um pouco mais sobre esse projeto no qual Mészáros vinha trabalhando nos últimos anos da sua vida.

RA: Eu acompanhei bem de perto tudo isso. Antes do ano de 1997 – ano do meu pós-doutorado – eu ia bastante para a Inglaterra e depois, sobretudo quando estreitei meus laços com grupo do *Historical Materialism*, eu passei a ir todos os anos para lá. Além disso, nos encontrávamos quando ele vinha ao Brasil e, às vezes, em outros países, como quando nos encontramos na França, no Seminário do *Actuel Marx* – no qual ele fez uma mesa com o François Chesnais, que ele admirava muito. Aliás, eles se admiravam reciprocamente e fui eu quem apresentou um ao outro.

Especialmente depois que Mészáros terminou os livros *Estrutura Social e Formas de Consciência*, volumes 1 e 2, ele tinha dois projetos em mente. Um era o de aprofundar a discussão sobre a determinação social do método, especialmente no que ele chamava de a questão metodológica. Mas havia um outro projeto, que ele tinha muita vontade de fazer, que era a crítica ao Estado. Ele ficou um bom período

mexendo com ambos. O que foi decisivo para que ele se decidisse, e isso foi ele quem me disse, foi a opinião da Donatella.

Um parêntesis: a Donatella foi uma companheira espetacular do Mészáros. Ela era uma professora primária, italiana, muito culta, que lia muito. Ela lia tudo o que ele escrevia, fazia correções, sugestões, críticas. É possível que aquele capítulo muito bonito do *Para Além do Capital* sobre a emancipação das mulheres tenha uma influência importante da Donatella, que era uma fervorosa defensora da igualdade substantiva das mulheres, para usar uma categoria do Mészáros. Ele me disse, várias vezes, que a Donatella achava que essa crítica ao Estado era, política e socialmente falando, decisiva! E o Mészáros sabia que esse seria seu último livro, que não teria fôlego para fazer outro, e queria ter mais uns quatro, cinco, ou seis anos para terminar isso. E foi a isso que ele se dedicou nesse último período.

Ele começou a trabalhar mais pesadamente nisto depois que publicou o volume 2 do *Estrutura Social e Formas de Consciência*, em 2011, pela Boitempo, e rapidamente em seguida pela Monthly Review. A partir desse período ele estava com cabeça no projeto da crítica ao Estado. Durante anos, a cada vez que eu ia na casa dele, ele me mostrava as anotações que ele tinha. Inclusive na última vez que eu estive com ele, em 2016, ele me mostrou um pequeno caderno, como se fosse uma agenda, no qual ele tinha toda estrutura do livro.

Inicialmente, ele pensava que teria apenas um volume, com algo em torno de seiscentas, setecentas páginas, mas aos poucos o trabalho foi ganhando mais amplitude – e isso sempre foi um traço da obra de Mészáros; digamos, a síntese não é o que predomina em sua obra – e, quando ele percebeu, teve a ideia de publicá-lo em dois volumes. Eu não me lembro de ele ter me falado da ideia de publicar em três volumes, mas enfim... Quando ele terminou uma primeira parte – da qual saiu um fragmento aqui no Brasil, na forma de um pequeno ensaio e depois sob a forma de livro (MÉSZÁROS, 2015), que saiu também nos Estados Unidos, pela Monthly Review – ele estava trabalhando pesadamente neste projeto.

A tese essencial deste projeto é, primeiro, que para ele, a contribuição do marxismo nesse terreno estava muito aquém das pistas deixadas por Marx – e isso incluindo Lukács, e mesmo o Lênin, como já mencionei. Ele entendia que havia, portanto, um problema que o Marx tinha deixado indicado e que era preciso aprofundar, que era a necessidade de enfrentar o problema do fenecimento do Estado. E isto o obrigou, como eu já mencionei, a reler desde os gregos até ciência política atual, por exemplo, Norberto Bobbio – que era um autor que, mesmo com

diferenças profundas, o Mészáros pessoalmente admirava, pois o Norberto Bobbio, junto com outras pessoas, foi muito generoso e o acolheu quando ele e a Donatella chegaram, exilados, na Itália; e ele nunca esqueceu essa generosidade.

Depois de exilarem-se na Itália, foram para a Escócia, passaram um breve período no Canadá, depois no México e por fim se fixaram definitivamente na Inglaterra, onde o Mészáros foi convidado, junto com Tom Bottomore (marxista bastante conhecido no Brasil), para fundar, dentro da jovem Universidade de Sussex, uma escola especial de ciências humanas, que fosse muito crítica e fora do tradicionalismo Inglês. Eles concebem a *Centre of Social and Political Thought* [Centro de Pensamento Social e Político], que congregava filósofos, economistas, sociólogos etc.

A tese central de seu projeto, então, é essa: o Estado é uma construção de classe e a emancipação humana é impossível com qualquer forma de Estado. Retomando aquela ideia do Engels da administração das coisas, Mészáros entendia que nós temos que enfrentar e aprofundar o problema do que seria uma sociedade com o fenecimento do Estado – portanto, algo radicalmente diferentemente dos anarquistas, pois não é uma explosão do Estado, como a de um prédio, é o fenecimento do Estado, que é antes uma instância anti-emancipadora, e que começa a se tornar supérflua, desnecessária e fenece.

Até onde eu sei, quando ele morreu, ele estava redigindo o último capítulo dessa primeira parte. Eu acho que nós não temos ainda o último capítulo dessa primeira parte. Quem deve ter essa parte final, por enquanto, é o pessoal da *Monthly Review*, que pretendia fazer o lançamento do livro Mészáros em uma atividade especial sobre ele. Penso então que ele enviou esse material para o Bret Clark e para o John Bellamy Foster, para que eles pudessem estudar e incorporar essa discussão na Revista.

Esse é o início do projeto inteiro do Mészáros. Ele deixou um pequeno caderno, como já mencionei, com todo escopo e a estrutura do projeto, em capítulos, itens e subitens, tinha até a conclusão, caderno que nós certamente vamos encontrar, no material deixado por ele, com a transferência da biblioteca dele para a Unicamp. Voltaremos a este ponto mais à frente.

De toda essa estrutura, ele acertou com a Boitempo de publicar o volume um, que já está quase pronto para publicação (MÉSZÁROS, S/d. – *no prelo*). Dos volumes dois e do três, eu nunca vi nada pronto, mas eu sei que Mészáros trabalhava da seguinte forma: ele trabalhava em partes separadas e guardava. É possível, portanto, que ele tenha partes dos volumes dois e três, ou pelo menos partes de estudos anteriores

que ele quisesse retomar. Textos já escritos para essa parte nova eu não creio, porque ele trabalhava muito sistematicamente. Ele chegou a me dizer também que a sua última viagem para o exterior seria para o Brasil para lançar esse livro.

Mas tudo isso está no seu acervo. A minha esperança é que esse material possa ser publicado. A minha ideia é que, se a Boitempo tiver já quase todos os capítulos, seja possível incluir essa última parte que ele estava finalizando e, se no seu acervo encontrarmos essa caderneta do projeto integral, possa se publicar de uma forma mais ou menos semelhante ao que se fez com a *Ética* de Lukács.

Lukács tinha rascunhadas várias páginas em que apontava o que pretendia trabalhar, e nunca trabalhou – a *Ontologia* era pensada para ser uma introdução à *Ética*, mas Lukács nunca chegou a concluí-la. E para o Mészáros (numa explicação diferente, por exemplo, da oferecida pelo Nicolas Tertulian e outros), Lukács não chegou a ética porque ele se viu em meio a uma barafunda, que tinha a ver com muitas coisas, inclusive com sua posição sobre o socialismo real, que ele não pôde resolver.

Mas fechando o parêntesis, Mészáros tinha na cabeça tudo organizado. Eu não sou capaz de lembrar ao certo os detalhes dessa última versão toda organizada que ele me mostrou, mas eu acho que ele concebia a ideia do projeto em dois livros, mas percebia que o projeto estava ficando, como sempre nos livros dele, maior do que o plano inicial. Aliás, o plano inicial dele de terminar os livros sempre estourava. Ele era, repito, muito organizado, mas por ter uma obra, digamos assim, muito volumosa, ele sempre ultrapassava os prazos que inicialmente estipulava.

Eu lembro, para dar um traço disso, quando Daniel Singer, aquele importante jornalista norte-americano do jornal *The Nation*, mas que vivia na França, que era muito amigo Mészáros, estava muito doente, ele pediu que o Mészáros fizesse o discurso em seu enterro. Essa é uma tradição ainda forte na Europa – o Engels proferiu esse tipo de discurso diante do túmulo do Marx (ENGELS, 1985).

Nós estávamos na França, em um colóquio sobre o Socialismo na França, o Mészáros, o Chesnais, eu e tanto outros, quando ele me disse que o Daniel Singer estava em seus últimos dias de vida e que ele tinha de voltar rapidamente para casa para preparar o discurso para o seu enterro. Nós voltamos para sua casa, em Rochester, e ele ficou uns dois ou três dias andando de um lado para o outro, subindo e descendo para o escritório. Conversava um pouco e dizia que tinha que ir trabalhar no discurso para o Daniel Singer, e subia novamente para o escritório, ficando lá, às

vezes, por horas. Dois ou três dias depois ele desceu com uma página e meia escrita e me pediu que lesse. Eu fiquei estupefato, porque ele subiu e desceu tantas vezes, que eu imaginei que eu fosse trazer uma coisa de umas trintas, quarenta páginas, para começar. Ele, então, me pediu para ler o perguntou o que eu havia achado. Eu li e disse: 'está ótimo, mas eu pensei que você fosse escrever uma coisa mais longa'. Ao que ele me respondeu: 'não, porque essas coisas são pequenas, você fala apenas alguns minutos, uma homenagem concisa. E, para mim, escrever uma página e meia é muito mais difícil do que escrever cem páginas'. Tanto é que, quando fiz o *Prefácio do Para o Além do Capital* em dez páginas ele falou: 'eu não sei como você conseguiu, dizer em dez páginas o que eu levei mil para falar'. Ele tinha a ciência de que ele era, digamos, prolixo.

Quando eu estive, em 2017, na Itália, a trabalho, de março a maio, ele insistiu muito para que eu fosse para a Inglaterra visitá-lo. Eu não pude ir porque estava trabalhando muito, tive que dar as aulas em italiano, tive muitos debates, enfim, estava muito cansado e não pude ir e lhe disse: 'em novembro nos vemos'. Lamentavelmente, ele falece em outubro e eu não mais o encontrei.

CA: *Você mencionou algo sobre a transferência da biblioteca do Mészáros para a Unicamp. Por favor, fale mais sobre isso.*

RA: Isso se deu a partir de uma dessas vindas dele ao Brasil, para o IFCH⁵, na Unicamp – não consigo me lembrar ao certo o ano, porque ele veio, a meu convite, pelo menos duas ou três vezes algumas vezes na Unicamp. No meio da apresentação dele, ele disse que quando morresse a biblioteca dele seria doada para o IFCH. Depois disso ele voltou a falar muitas vezes que a biblioteca dele viria para a Unicamp, que incluiria isso em seu testamento e me pedia que eu ficasse responsável por isso no Brasil.

Eu penso que isso se deve à acolhida que ele tinha tido no Brasil, à acolhida que sua obra teve na Unicamp, ao carinho com que ele e a Donatella eram recebidos em todas as partes, mas na Unicamp também, principalmente depois que ele começou a publicar os livros pela Boitempo.

E quando ele falava que os livros dele viriam para a biblioteca do IFCH quando ele morresse e que eu ia cuidar da transferência, eu brincava com ele: 'eu vou pegar o avião amanhã de volta para o Brasil, se o avião cair eu morro! A coisa mais

⁵ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

espetacular da história é que ninguém sabe quem vai morrer primeiro’. É que eu não queria falar sobre aquilo...

Quando ele faleceu, dia primeiro de outubro de 2017, eu estava inclusive em viagem, o Giorgio me ligou e me disse que o Mészáros tinha deixado no testamento dele que sua biblioteca seria doada para a Unicamp, sem custo algum – a Unicamp deveria arcar apenas com os custos de transporte. Ele não queria que jamais se cogitasse a ideia de vender sua biblioteca, que tem, aliás, um valor altíssimo. Alguma coisa entre doze e quinze mil livros, certamente a maior parte em inglês, mas também em italiano, francês, espanhol, alemão, russo, grego, latim, húngaro, português, farsi, mandarim. Há muitos livros de economia, sociologia, filosofia, história, literatura, poesia – praticamente só de literatura e poesia clássicas, pois ele me disse que nos últimos anos estava se desfazendo daquela literatura mais do dia-a-dia – e um acervo grande de filmes, ele gostava muito de cinema. Além disso, eu tenho a impressão, pelo que eu conheci do jeito dele, de que todas as cartas que ele enviou para o Lukács ele xerocava. Ele chegou, inclusive, a me mostrar muitos dos originais dos seus livros, que ele guardava em pastas. Enfim, tem muita coisa.

No presente momento nós estamos em conversa intensa com o reitor da Unicamp, que foi muito solícito e percebeu logo a importância desta aquisição – como eu falei, de mais ou menos de doze a quinze mil volumes. Uma coisa que ninguém sabe, só os amigos muito próximos dele, é que ele próprio mudou a biblioteca inteira da casa de Rochester, que era grande, para a casa de Ramsgate, que, embora com 3 andares (aquelas típicas casas inglesas, estreitas, cumpridas e geminadas), era pequena. Ele mudou todos os livros! Ele desfez todas as estantes que ele mesmo havia construído na casa de Rochester, pegava quinhentos livros por semana, colocava no porta-malas do carro, levava para Ramsgate e arrumava. Mas primeiro ele reconstruía as prateleiras – ele era um artesão – depois colocava os livros. Se são quinze mil livros, ele passou cerca de trinta semanas viajando. Imaginando que algumas semanas não foi possível fazer o transporte, ele ficou por volta de um ano para mudar tudo. Um dia eu perguntei por que ele não chamava uma empresa para fazer isso e ele me respondeu: ‘você está louco, Ricardo? Se eu chamar uma empresa eles vão misturar tudo e nunca mais vou achar os livros. Eu sei exatamente onde estão todos os meus livros’.

Então nós estamos trabalhando para que essa biblioteca venha para a Unicamp. Até onde nós sabemos, é o primeiro caso de doação de tão longe. Quando eu trabalhei no Arquivo Edgard Leuenroth nós recebemos acervos da Argentina. Mas,

neste caso, você coloca o acervo em um caminhão e traz – Buenos Aires é mais perto, por exemplo, do que Recife ou Fortaleza.

Isto vai ser um grande tento para a Unicamp, porque ele é um autor com uma importância muito grande não só no pensamento ocidental. Mészáros tem uma obra conhecida na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Itália, um pouco menos na França, seus livros chegaram na China, Índia, Oriente Médio, em vários países da América Latina. Ele tem leitores, digamos assim, fora do norte do mundo. Eu penso que isso se deva ao fato de que ele não é um autor eurocêntrico, ele é, em contrapartida, um autor da emancipação global, o que marca, inclusive, o seu anti-eurocentrismo. Isso é espetacular. Ele podia ter doado essa biblioteca para a Universidade de Sussex, que ele ajudou a criar, mas ele doou para a Unicamp, uma universidade de um país de terceiro mundo, um país dependente, periférico, mas com um movimento operário forte, uma classe trabalhadora forte, com pensamento crítico forte, como ele viu ao longo das últimas décadas. Isso é um gesto simbólico!

CA: *Por fim, o que István Mészáros representa para o Marxismo e qual é a atualidade do seu pensamento?*

RA: Primeiro, que o Marxismo não é responsável pela tragédia soviética e do leste europeu. A sua obra é uma crítica, de dentro e desde muito cedo, a isto. Ele me contou uma vez uma história espetacular. Ele me disse que na Universidade de Budapeste havia o chamado Departamento Lênin, que era o lugar da censura e pelo qual tudo deveria passar. Quando a obra era considerada, digamos, “heterodoxa”, o autor tinha de ir no Departamento Lênin e se explicar para o burocrata stalinista de plantão. Mészáros estava apresentando algum estudo monográfico na graduação, um trabalho sobre literatura ou dramaturgia, não me recordo ao certo, quando foi chamado a prestar esclarecimentos no Departamento. Era um texto sobre estética e o burocrata stalinista húngaro olhava, lia, não entendia nada, mas sabia que Mészáros era um marxista anti-Partido Comunista Húngaro e que havia liderado levantes estudantis, de professores e de trabalhadores. Num dado momento, esse burocrata olha para ele e diz: ‘mas por que você não faz como o camarada Stalin, que escreve tudo claro, tudo fácil?’ E ele, com aquela ironia profunda, falou: ‘mas o camarada Stalin não precisa provar nada do que fala! Eu preciso. Então o texto tem que ser um pouco mais complicado’. Aí o burocrata, que não sabia se ele estava provocando ou não, acabou carimbando o trabalho dele.

Então, como eu dizia, como ele veio da Hungria, do “bloco socialista”, entre aspas, ele não é um crítico de fora do “socialismo real”, ele é um crítico de dentro. Na sua juventude ele foi operário, trabalhador assalariado, veio de baixo, se eu bem me lembro do que ele me disse, o seu pai era muito pobre e, mesmo sua mãe sendo um pouco mais bem sucedida, ele teve que trabalhar desde muito cedo. Ele me contou uma vez que discutia com Lukács, falavam do socialismo, e ele perguntou ao Lukács: ‘você fala da miséria do povo, mas você sabe qual é o preço do pão?’ E o Lukács, que tinha aquela visão de que era melhor o pior socialismo do que o melhor capitalismo, não sabia qual era o preço do pão. Essa nunca foi a visão do Mészáros! Até porque ele não considerava aquilo ‘o pior socialismo’; ele dizia que não era nem socialista, nem capitalista, mas um sistema de capital pós-capitalista, um sistema que, embora tivesse uma produção, digamos, não-privada, precisava do Estado e precisava do trabalho assalariado. O ponto aqui é que a União Soviética havia eliminado a burguesia privada, mas pôs no lugar dela o Estado produtor, e isso levou a um processo de monumental hipertrofia do Estado, e isso se reproduzia, em maior ou menor proporção, nos países leste europeu.

A atualidade do seu pensamento neste plano é grande. Vejamos: resumidamente, nós temos, entre outras, a leitura do Trotsky sobre a burocracia e o fracasso soviético e a leitura de Charles Bettelheim sobre o capitalismo de Estado. O Mészáros não concordava com nenhuma dessas duas teses. Ele dizia que a burocracia não era a causa da deformação soviética, mas uma consequência. Por mais que ele reconhecesse a força da crítica do Trotsky ao socialismo em um só país – uma tese, aliás, do Marx – e reconhecesse que o Trotsky foi, naquele momento, a grande exceção, o único que não caiu na tese socialismo em um só país. Um socialismo em um só país era, para Mészáros, uma impossibilidade, ainda mais no sistema global do capital. Mészáros vai dizer que você terá mais chances de mudar o mundo se você tocar o coração do capital e não a periferia. E em relação à tese de Charles Bettelheim, que chamava o socialismo real de capitalismo de Estado, e chegou até a falar em capitalismo de Estado burguês, novamente, para Mészáros, trata-se de um sistema de capital pós-capitalista.

Só é possível compreender isso se eu entender que o capital é mais amplo que o capitalismo, que existe antes do capitalismo e pode existir depois, e este é um exemplo. Por exemplo, não é possível dizer que a China, hoje, é um capitalismo neoliberal *tout court*. Mas ninguém poderia dizer que a China hoje é socialista. Não dá! Na China, a presença do capitalismo é cada vez mais intensa, mas a noção de capitalismo de Estado também não parece ser suficiente. É um sistema complexo. A burocracia chinesa é monumental, mas há um capitalismo privado que se expande

sob o controle do Estado e do Partido Comunista Chinês, sendo que o Estado e o Partido Comunista detêm o controle do exército. É bem complicada a coisa por lá.

Em segundo lugar, um segundo campo de reflexão, que se desdobra do anterior, e que é uma força do pensamento do Mészáros é que temos que encontrar alternativas socialistas para a humanidade. Ou, como naquela síntese espetacular dele: "socialismo ou barbárie, e barbárie se tivermos sorte", pois pode ser pior que a barbárie. Aliás, barbárie nós já vivemos. Pode-se perceber, com isso, que ele não caiu nunca na tese do fim do socialismo.

Além disso, com uma noção ampla de trabalho, ele nunca partilhou da ideia de que a revolução seria feita pelos Partidos Comunistas de vanguarda, mas sim por uma organização de massa, contemplando múltiplos movimentos que dão potência à revolução e à transformação. Ele via, portanto, no final do século XX e no início do século XXI, a possibilidade efetiva de uma nova ofensiva socialista – nos dois últimos capítulos do *Para Além do Capital* ele trabalha pesadamente isso.

Em terceiro lugar, por sua produção, eu considero o Mészáros o melhor herdeiro da *Ontologia* de Lukács e do Marx, pois, ao contrário de Heller, Fehér e outros, que abandonaram o marxismo, a sua reflexão soube ser crítica ao Lukács, polêmica também, aqui e ali, em relação ao Marx, mas profundamente voltada para desmonte e superação do sistema capital. Mészáros mostra, com isso, a força de uma ontologia materialista, na melhor linhagem da dialética.

Em quarto lugar, ele nunca foi um autor eurocêntrico. Talvez por sua origem húngara – e depois pelas passagens pela Itália, Escócia, Canadá, um período curto no México, e, por fim, a Inglaterra – ele sempre conseguiu ter uma visão global. Ele pôde, por exemplo, perceber aquilo que chamou de "taxa diferencial de exploração" e nunca embarcou nas teses frankfurtianas da integração da classe operária, tese, aliás, que ele sempre rechaçou. Daí, por exemplo, a sua discordância profunda com a Escola de Frankfurt, especialmente de Adorno em diante.

Ainda no que concerne a este ponto, Mészáros nunca aceitou a ideia da ruptura simples entre o Lukács de *História e Consciência de Classe* e o Lukács da *Ontologia do Ser Social*. Ele afirmava que há sim uma ontologia em *História e Consciência de Classe*, diferentemente de um certo lukacsianismo mais tradicional – como no caso brasileiro, por exemplo, em que há toda uma linhagem para a qual o Lukács de *História e Consciência de Classe* é um gigante e o Lukács da *Ontologia do Ser Social* é

um demônio, e uma outra leitura que, inversamente, diz que o Lukács da *Ontologia* é um gênio e que *História e Consciência de Classe* não é.

A leitura do Mészáros incorpora criticamente toda a obra lukacsiana – recusando fortemente, portanto, a ideia de uma fase pré-ontológica e de outra fase ontológica. É possível perceber claramente que a influência de *História e Consciência de Classe* é forte no Mészáros, que a influência da *Ontologia* é forte e que a influência da crítica literária e da concepção estética do Lukács também são fortes. Mészáros consegue, portanto, ser um herdeiro do Lukács, mas um herdeiro, por assim dizer, herético. Para ele, Lukács não é um mito intocável, o qual ele reproduz. Ele vê na obra lukacsiana acertos e erros, e vê também muitos méritos, e talvez por isso seja ele um dos lukacsianos mais importantes, que preservou, até sua morte, em outubro do ano passado, a ideia de uma ontologia viva e não dogmática.

E por fim, e eu acho que isso é vital, um pensamento que jamais deixou de ver no mundo real as possibilidades de uma transformação radical. Um pensamento que jamais embarcou na tese da integração da classe trabalhadora, ou na tese de que o capitalismo é o que é possível – aliás, essa era outra grande crítica dele aos Partidos Comunistas, que, pelo seu reformismo, aceitavam sempre o chamado ‘mal menor’. Ele sempre foi um crítico muito áspero dessa postura. Não é por outro motivo que ele sempre discordou radicalmente da tese de Lukács, quando este dizia melhor estar dentro do Partido Comunista, mesmo tendo divergências, do que fora dele. Mészáros entendia que foi um grande equívoco do Lukács não ter saído do Partido Comunista Húngaro e não ter feito uma crítica profunda. O lukacsiano que fez a crítica profunda ao stalinismo húngaro foi o Mészáros, os outros não.

Esses são os principais aspectos, penso eu, da atualidade do pensamento de István Mészáros e sua importância para o marxismo.

CA: *Obrigado professor.*

RA: Imagina.

Referências

ENGELS, Friedrich. Discurso diante do túmulo de Marx. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas**. Trad. José Barata-Moura, Eduardo Chitas, Francisco Melo e Álvaro Pina. Lisboa: Avante, vol. III, 1985.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **O homem do renascimento**. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Lisboa: Presença, 1982.

_____. **Sociología de la vida cotidiana**. Trad. José Francisco Yvars e Enric Pérez Nadal. Barcelona: Península, 1977.

_____. **Teoría de las Necesidades en Marx**. Trad. José Francisco Yvars. Barcelona: Península, 1978.

KRAUSZ, Tamás. **Reconstruindo Lênin**: uma biografia intelectual. Trad. Baltazar Pereira, Pedro Davoglio e Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2017.

LENIN, Vladimir Ilitch. **O Estado e a revolução**: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução. Trad. Aristides Lobo. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LUKÁCS, György. **El joven Hegel**: y los problemas de la sociedade capitalista. Trad. Manuel Sacristán. Barcelona: Grijalbo, 1970.

_____. **História e consciência de classe**: ensaios de dialética marxista. Trad. Telma Costa. Porto: Elfos, 1974.

_____. **Para uma ontologia do ser social**. Trad. Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, vol. I, 2012.

_____. **Para uma ontologia do ser social**. Trad. Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, vol. II, 2013.

_____. **Prefacio**. In: HELLER, Agnes. **Sociología de la vida cotidiana**. Trad. José Francisco Yvars e Enric Pérez Nadal. Barcelona: Península, 1977.

_____. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. Trad. Lya Luft e Rodnei Antônio do Nascimento. São Paulo: Boitempo, 2010.

MÁRKUS, György. **Teoria do conhecimento no jovem Marx**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Reginaldo Di Piero. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **O capital**: crítica da economia política. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, Livro I, 2013.

MÉSZÁROS, István. **A montanha que devemos conquistar**: reflexões acerca do Estado. Trad. Maria Isabel Lagoa. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. **A necessidade de controle social**. Trad. Mario Duayer. São Paulo: Ensaio, 1987.

_____. **A obra de Sartre**: a busca da liberdade e desafio da história. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **Beyond Capital**: towards a theory of transition. Londres: Merlin, 1995.

_____. Entrevista: tempos de Lukács e nossos tempos: socialismo e liberdade. In: **Revista Ensaio**, São Paulo: Ensaio, n. 13, 1984, p. 9-29.

_____. **Estrutura social e formas de consciência I**: a determinação social do método. Trad. Luciana Pudenzi, Francisco Raul Cornejo e Paulo Cesar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2009 e MÉSZÁROS, István. **Estrutura social e formas de consciência II**: a dialética da estrutura e da história. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **Marx**: a teoria da alienação. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Zahar, 1981.

_____. **Marx's theory of alienation**. New York: Harper Torchbooks, 1972.

_____. **Más allá del capital**: hacia una teoría de la transición. Caracas: Vadell Hermanos, 2001.

_____. **O conceito de dialética em Lukács**. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **O desafio e o fardo do tempo histórico**: o socialismo no século XXI. Trad. Ana Aguiar Cotrim e Vera Aguiar Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **O poder da ideologia**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ensaio, 1996.

_____. **Para além do capital:** rumo a uma teoria da transição. Trad. Paulo Cesar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. **Para além do Leviatã.** São Paulo: Boitempo, no prelo.

_____. Poder político e dissidência nas sociedades pós revolucionárias. In: **Revista Ensaio**, São Paulo, n. 14, 1985, p. 29-47.

_____. **Produção destrutiva e Estado capitalista.** Trad. Georg Toscheff. São Paulo: Ensaio, 1989.

Recebido em 02/09/2018

Aprovado em 08/09/2018